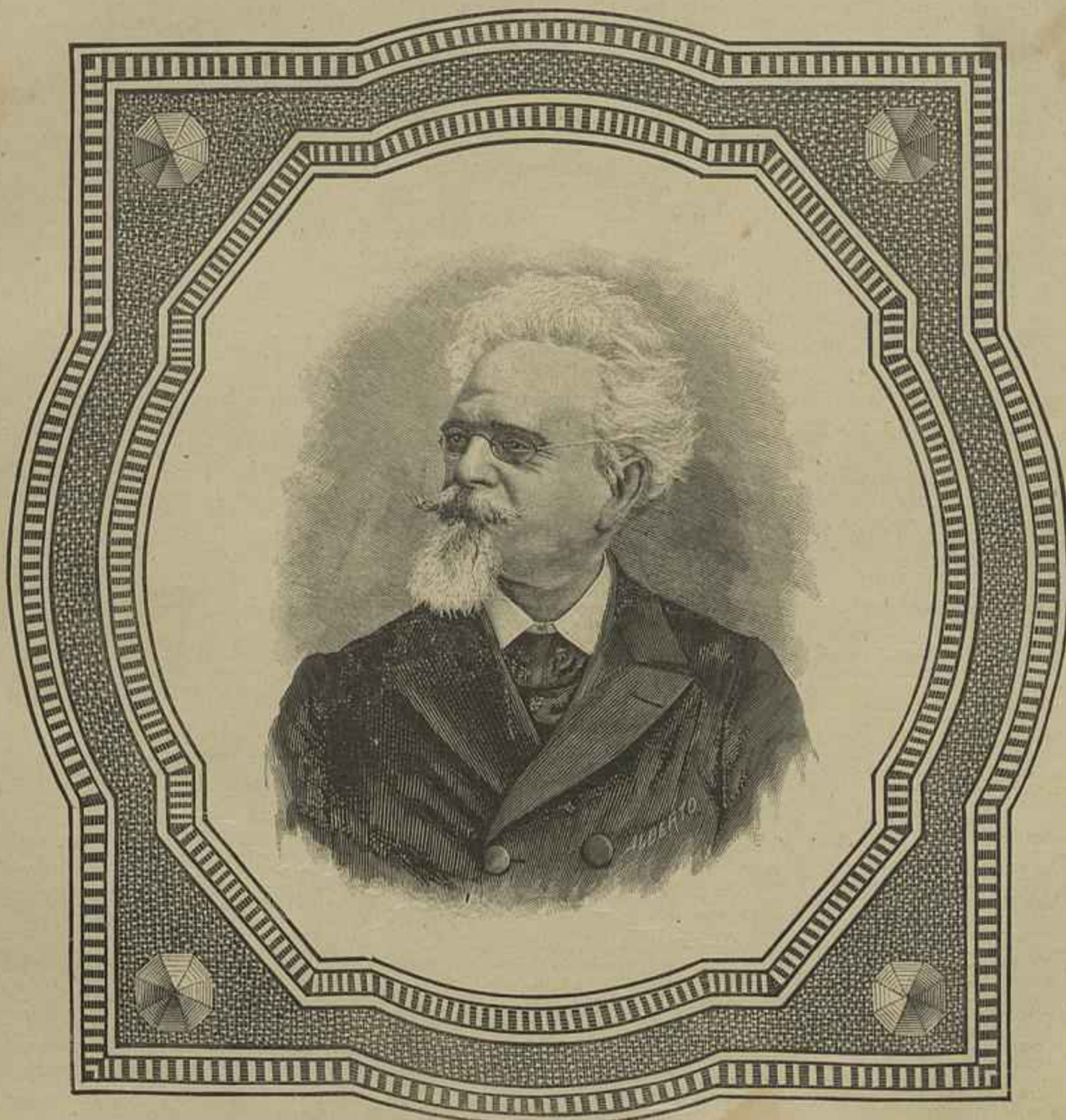


OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. 9 n.ºs	N.º à entrega	19.º Anno — XIX Volume — N.º 636	Redacção — Atelier de gravura — Administração
Portugal (franco de porte, m. forte)	5\$800	1\$900	5950	\$120	25 DE AGOSTO DE 1896	<i>Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4</i>
Possessões ultramarinas (idem)....	4\$000	2\$000	—	—		Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsável Caetano Alberto da Silva.
Extrang. (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—	—		



PEDRO WENCESLAU DE BRITO ARANHA — DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA
(Cópia de uma photographia do sr. J. M. da Silva)



CHRONICA OCCIDENTAL

Mais um livro de Gomes Leal, do auctor das *Claridades do Sul*, do *Anti-Christo*, da *Vida de Jesus*. Chama-se este agora *Serenadas do Hylario no Céu*, phantasia mystica em um acto, em que fallam S. Pedro e os Ascetas, Santa Cecilia e Santa Maria Magdalena, Nossa Senhora, os Anjos e as Estrellas, que todos querem conhecer, admirar, ouvir a guitarra do troveiro nacional, talvez o ultimo d'este fim de raça e o mais pittoresco de todos, como Gomes Leal lhe chama.

Para que em nada este livro se assemelhe a outros, até no formato, no papel, no typo em que foi impresso, elle tem um feitiço raro, o que não quer dizer elegante e muito menos primoroso. Não admira. Foi impresso na Imprensa Economica de Villa Franca de Xira.

Mas tal como é, que admiravel livro e quantas paginas d'elle hereticas devem ser beijadas piedosamente!

Disse o poeta francez: *Mon verre est petit, mais je bois dans mon verre.* A elle, a proposito d'esta nova tentativa lyrica, se refere Gomes Leal. Descance: ha muito que sabemos, que é d'elle, muito d'elle, o copasio em que bebe.

Quer invoque as mil estrellas da noite para as engastar como brilhantes finissimos nas suas redondilhas, verdadeiras joias, que as duquezas cubicariam para seus escriptos, quer troveje em alexandrinos sonoros contra a tyrannia, que abre cortezmente ao condemnado politico um quarto no Limoeiro, o grande poeta é sempre o mesmo poeta sedento de luz, pedindo-a indifferentemente, n'uma lingua que é d'elle, em opulentas imagens que são suas, ao codigo, ao sol, aos pyrilampos, aos olhos das mulheres bonitas.

Não sei se as satyras de Gomes Leal valem mais ou menos que as suas poesias lyricas: sei que lyrica é a sua natureza e que as *Serenadas do Hylario no Céu*, são a apologia do lyrisimo.

E eis em resumo o que é o livro. Da primeira á ultima pagina o poeta canta a poesia, e principalmente essa que para nós resume todas as artes, cor, perfumes e musica.

Escolheu para representá-la ás portas do céu o Hylario com a sua guitarra.

Bem fez, melhor representante difficilmente o achava.

Já não pode a gente imaginar um poeta nos Campos Elysios, todo vestido n'uma tunica branca, braços nus, coroados os cabellos negros com pampaios e heras, cantando ás musas, acompanhado pelas lyras de marfim, por entre os renques de palmeiras, em que o sol põe comas d'ouro. Os poetas agora são humildes e simples e por isso é d'elles o parnizo dos christãos, onde os ultimos serão os primeiros.

Uma das mais lindas festas que se teem feito em Lisboa foi a que os estudantes organizaram em honra de João de Deus.

Era a boa poesia portugueza que nos sabe alegrar e fazer subir as lagrimas nos olhos, que é o melhor dos lenitivos ás saudades e melancolias, dos filhos da nossa alma a que melhor sabe beijar a e compadecer-a; era o immaculado espirito do poeta, que tão docemente tantas vezes soubera comprehender os nossos e dar-lhe o conforto com que mãos amigas não atinavam; era em trez palavras, a poesia consubstanciada n'aquelle coração de santo, que uma mocidade entusiastica, sequiosa do bello, sequiosa do bem e da justiça, vinha acclamar em expansões commoventes de gratidão profunda.

Entre elles vinha o Hylario com a sua guitarra, n'este fim de seculo, trovador perdido, apaixonado e sonhador. N'esses breves dias, e, que, por um contagio que parece ter sido provocado por espiritos angelicos, todas as almas vibraram em unisono, todos os olhos tiveram as mesmas lagrimas, todos os labios os mesmos sorrisos, o Hylario tornou-se o idolo de Lisboa inteira. Applaudiram-o commovidas as mulheres, ergueram-o nos braços os rapazes doidos, os burguezes esqueceram por instantes a gravidade.

Ainda o vemos por ahi tão cheio de vida, os olhos brilhantes de mocidade, os longos cabellos para traz, mostrando os dentes alvos quando sorria cantando:

*O mar também tem amante,
O mar também tem mulher:
E' casado com a areia
Dá-lhe beijos quando quer.*

Morreu o Hylario. Tinha de ir para o céu. Abre-lhe as portas a Virgem no poema de Gomes Leal.

«Hylario, permanece no céu, porque tu representas o amor, o desinteresse, a generosidade, a arte sublime de mover as lagrimas, e a radiosa alegria! Anjos, santos, estrellas, virgens, coroas Hylario com as rosas do amor e da perenne mocidade!»

Bem escolhido dissemos fóra aquelle que ás portas do céu devia representar a poesia portugueza, pedir para ella um throno entre os céros dos Seraphins.

O Hylario possuia effectivamente a chave milagrosa com que se abre esse cofre inexgotavel de thesoiros riquissimos, chamados sorrisos, que são nos labios como rosas a abrir, e lagrimas, que são diamantes cristalinos e perolas iriadas. Na propria incorrecção das suas estrophes e dos seus cantos, havia o que quer que fosse que lhe dava artisticamente aquella espontaneidade que acha tão milagrosamente o caminho, para outros labyrinthos, dos corações.

O Hylario morreu e Gomes Leal, que o conheceu, fez d'elle o heroe da sua nova phantasia mystica.

Não é talvez um livro para todos, embora aquelles symbolos não guardem os segredos das esphinges.

Lido, como deve ser, como Gomes Leal merece ser lido, em toda aquella comedia, por sobre as ironias, volita um perfume de lyrisimo encantador, adejam borboletas doiradas, espalha a brisa o pollen das flores.

S. Pedro, o porteiro do céu, com a sua cabelleira cor de neve, as longas barbas respeitaveis, as mãos ainda queimadas do sol e da agua do mar dos seus tempos de pescador, bom, moralista, mas rabugento, representa a severidade contra a loucura, tem a vista curta dos que tremem perante a novidade que pode aluir o throno ante o qual costumam curvar-se. Aborrece o doidivanas, cujo bom coração não suspeita, teme aquelles canticos d'amor em que presente o peccado. Nem Santa Cecilia, a advogada dos artistas, com a sua harpa d'ouro, nem todas as estrellas do céu multicores, que o Hylario cantava namorando-as, comparando-as aos olhos das bem-amadas, nem Maria Magdalena purificada dos amores terrenos pelo divino amor, toda a innocencia dos anjos, nem toda a santissima bondade dos ascetas, podem convencer o teimoso porteiro do céu. E' preciso que a Virgem das virgens, a Santa entre as santas venha julgar-o. E Mephistopheles, que já não pode conhecer o amor, a rir desdenhoso, até que se some pelo chão abaixo!

Por toda aquella comedia acham-se espalhados prodigiosos versos, tão bellos, que seriam elles bastantes para abrir de par em par o grande portal do azul.

Não era precisa a appareição d'aquella velhinha, contando a sua historia triste, a doença da filha e de como andava, andrajosa e faminta, nas trevas estendendo a mão tremula em supplica soluçante. Não era preciso que o Hylario uma vez tivesse, por generoso instincto, empenhado a guitarra, a companheira, a discreta e meiga confidente de tantos sonhos cor de perola, de tantas lagrimas de saudade, de tantas esperanças e desesperos. No prato da balança já muito ella pesára, porque soubera fazer sorrir os tristes e lhes trouxera ás faces esbraseadas o refrigerio d'uma lagrima.

Deve de haver no céu um logar escolhido para os poetas, que, não tendo o egoismo da dor, sabem com a propria desgraça mitigar a dos outros. Logo que o Hylario lhe acabasse de cantar

*Os poetas são pobresinhos!
Seu pranto é croa de perolas...*

a Virgem mandaria que se abrissem as portas d'ouro e mostraria ao poeta as largas campinas semeadas de estrellas como de flores, onde n'um throno de nuvens d'ouro e rubins se assenta Deus Omnipotente, amigo dos pobresinhos.

Um dia Gomes Leal o saberá, e, apesar de tantas heresias, apostou que S. Pedro não vai rabujar com elle.

João da Camara.

BRITO ARANHA

No jornalismo contemporaneo occupa, por sem duvida, logar culminante o sr. Pedro Wenceslau de Brito Aranha, o mui sympathico redactor principal do *Diario de Noticias*, essa folha, fundada pelo nunca assaz chorado Eduardo Coelho, e pelo

actual sr. conde de S. Marçal, que tão popular se tornou entre nós, e tão excellentes serviços tem prestado e está prestando á causa da instrucção e da civilização patrias.

O sr. Brito Aranha, porém, não é só um jornalista de primeira plana, senão tambem um bibliographo incontestavelmente distincto e um escriptor apreciavel, ao mesmo passo que um cavalheiro de veras e geralmente estimado pelas suas nobilissimas qualidades e inalteravel affabilidade.

Honra-se, portanto, o Occidente, enriquecendo a sua numerosa e interessante galeria de portuguezes notaveis, com o seu retrato, que em satisfação de antigo compromisso, a despeito da nossa confessada insufficiencia, nos permittimos acompanhar d'estes singelos lineamentos biographicos, os quaes, representando, como representam, sincera, embora pobre homenagem a tão prestante cidadão, mostram, por igual, n'um brilhante exemplo, o que pôde uma vontade ferrea ao serviço de um talento innegavel, de um amor ao trabalho, que nunca esfriou, e de um caracter inteiro e honestissimo.

O sr. Pedro Wenceslau de Brito Aranha nasceu em Lisboa a 28 de junho de 1833.

De origem humilde, cedo começaram para elle os trabalhos, agramas e vicissitudes da tremenda luta pela vida.

Impossibilitado por escassez de meios, que seus honrados paes não possuíam, de seguir qualquer curso regular de estudos, obtidos, Deus sabe com que custo, os rudimentos da instrucção primaria, viu-se forçado a aprender, aos quinze annos, a arte typographica, que exerceu até 1857, com varias intermitencias, chegando a pertencer, como Eduardo Coelho, ao quadro do pessoal artistico da nossa imprensa nacional, onde nos hoje raros collegas d'esse tempo, conta outros tantos dedicados amigos.

Já então, no ardente desejo de instruir-se, empregava todos os momentos de que lhe era licito dispor na lição dos livros, que lograva obter, ou no trato e convívio de pessoas esclarecidas, e d'este modo, sem se poupar a sacrificios de toda a ordem, pôde conseguir a somma de conhecimentos de que carecia.

Estreitou-se na imprensa com um artigo sobre trabalhos da associação typographica lisbonense, da qual foi fundador e um dos ornamentos, inserto, em 1852, no *Jornal do centro promotor dos melhoramentos das classes laboriosas*, seguindo-se a este uma carta, publicada na *Tribuna do Operario*, que então redigia Francisco Vieira da Silva.

Animado pelo bom acolhimento que tiveram estes ensaios, convencido de que pouco partido poderia tirar da arte, que aprendera e a que primeiro se dedicara, e, ainda mais, movido pela propria inclinação e pelos conselhos de alguns amigos, trocou a primitiva profissão pela de jornalista.

Desde esse tempo, vae em quarenta e quatro annos, não mais abandonou a imprensa, tendo sido collaborador ou correspondente, mais ou menos effectivo ou assiduo, de muitas folhas periodicas, entre as quaes enumeraremos a *Revolução de Setembro*, *Civilização*, *Rei e Ordem*, *Federação*, *Jornal para todos*, *Archivo familiar*, de Lisboa, *Luz*, *Leiriense*, *Distrito de Leiria* e *Commercio do Porto*, da provincia; *Diario de Recife*, de Pernambuco; e *Revue espagnole, portugaise, brésilienne et hispano-américaine*, publicado em Paris.

Fez parte da redacção do jornal *O Futuro*, primeiro na qualidade de traductor e revisor, e depois na de collaborador; e quando aquelle e a *Discussão*, se fundiram em um só com o titulo de *Politica liberal*, ficou incumbido da parte noticiosa nacional e estrangeira, trabalho não tão simples, como vulgarmente se julga, e que desempenhou com agrado até á cessação da folha em agosto de 1862.

Por espaço de alguns annos collaborou no *Archivo pittoresco*, e, com o erudito academico Ignacio de Vilhena Barbosa, dirigiu os ultimos volumes d'este semanario, uma das mais cuidadas e primorosas publicações, que, no seu genero, tem sahido a lume no nosso paiz.

Com o sr. Francisco Vieira da Silva, a quem muitos dos seus admiradores denominaram o apostolo das associações, foi o sr. Brito Aranha membro da comissão promotora das associações operarias, no centro promotor das classes laboriosas, concorrendo activa e persistentemente para a fundação de muitas agremiações populares. Cabe, pois, ao sr. Brito Aranha indisputavelmente a honra de ser um dos iniciadores do movimento operario, que tão grande e extraordinario desenvolvimento (e oxalá, que fosse, em geral, mais racional e prudentemente orientado!), tem assumido em Portugal.

Morto Innocencio Francisco da Silva, o illus-

trado e laboriosissimo auctor do *Diccionario bibliographico portuguez*, de quem fôra amigo intimo e cooperador constante, o sr. Brito Aranha, reconhecendo quão grande perda importava para as letras e para a bibliographia nacional a interrupção d'aquella obra, propoz-se, aproveitados os subsidios e apontamentos do auctor, continuá-la e completá-la em harmonia com o plano concebido e executado por Innocencio. Antes, porém, de metter hombros a tamanha empreza, consultou e assegurou-se do auxilio e coadjuvação dos individuos, que considerava mais no caso de o coadjuvarem, ou mais lidos no assumpto. Foi só depois de obtidas as mais lisonjeiras adhesões, que o sr. Brito Aranha se resolveu a requerer, e conseguiu contractar com o governo de Sua Magestade o proseguimento e conclusão d'aquella grande e precioso inventario.

Os volumes publicados (10.^a a 16.^a), desde 1883, anno em que veio á luz o primeiro (que é, na serie respectiva, o 3.^o do supplemento), abrindo-lhe as portas da Academia Real das Sciencias, que o elegem seu socio correspondente, têm justificado plenamente o acerto da resolução adoptada, demonstrando a capacidade e absoluta competencia do sr. Brito Aranha, que, em verdade, com os elementos de que dispõe quem, na nossa terra, se dedica ou emprehe trabalhos de semelhante natureza e tal magnitude, difficilmente, cremos, poderia fazer mais e melhor.

E' justo que especialisemos os dois volumes dedicados á bibliographia camoneana, reputados, com justo fundamento, como um dos trabalhos mais amplos e mais completos, que se conhecem sobre o centenario do immortal cantor das glorias portuguezas.

Por mui curiosa e reveladora da modestia, que, sobretudo, distingue o sr. Brito Aranha, reproduzimos aqui uma parte da longa advertencia preliminar, que vem á frente do volume 10.^o, em que expõe as razões do reaparecimento do *Diccionario*. Diz assim o sr. Brito Aranha:

«Quando se finou Innocencio, e eu, na qualidade de testamenteiro e cabeça de casal, tive infelizmente, em tão doloroso transe pela perda de um bom amigo, com quem convivera quasi trinta annos, de mandar proceder a inventario, e recolher todos os seus papeis, vi que tinham ficado muitos elementos aproveitaveis, tanto que, em grande parte, incompletos e de difficil averiguação, para a continuação d'este *Diccionario*.

«Na ultima reunião do conselho de familia, em que prestei contas do casal e partilhas, observei que seria muito lamentavel, que taes elementos se perdessem, ou que fossem parar ás mãos de mercenários e especuladores, e assim me parecia conveniente, que, em beneficio das letras nacionaes, a que tamanho culto prestara Innocencio, nem se consentisse no extravio dos papeis e estudos relativos ao *Diccionario*, nem se deixassem de empregar esforços para que pudesse proseguir esta obra.

«O conselho de familia, que não se oppoz nunca ao meu proceder no inventario até á conclusão de todos os trabalhos, e me deu todas as provas de consideração, que é possível e legal darem-se n'estas occasiões, honrou-me uma vez mais votando, por unanimidade, que continuassem em meu poder todos os papeis, que pertenceram ao finado, e que, com respeito ao *Diccionario*, me entendesse com o governo de Sua Magestade, para o qual tinham passado os direitos de propriedade da obra, em virtude do ultimo contracto celebrado com Innocencio.»

São tambem dignos de registo os seguintes trechos da mesma advertencia, em que se patenteia quão larga, e providencialmente, pôde assim dizer-se, o sr. Brito Aranha se preparar, sem de certo imaginar a hypothese, para a honrosa missão de que veio a encarregar-se.

«Durante a vida do egregio bibliographo, repetidas vezes estudára com elle, e não poucas lhe fornecêra apontamentos e livros procurados com o intuito de o auxiliar em seus trabalhos; e habituado á sua maneira de investigar e colleccionar, chegára, por assim dizer, ao lado, ou na presença d'elle, a formar colleções systemáticas de obras e papeis varios, que são dos mais importantes e indispensaveis subsidios para a bibliographia.

«D'este modo, trocavamos livros e folhetos, e elle, o meu prestante e leal amigo, no seu amor incontestavel e profundissimo ás letras nacionaes, mais por affecto, que pelo minguado lucro, que poderia ter com a minha sincera dedicação, alegrava-se em me ver tão propenso aos livros. Pergrava-me até, que d'ahi augmentou a sua amizade para commigo, d'ahi nasceu a minha predilecção pelos estudos bibliographicos, e o estreitamento das nossas relações litterarias.»

Em 19 de maio de 1889, pelas onze horas da noite, finava-se em Lisboa, na sua casa da rua dos Cardaes de Jesus, Eduardo Coelho, o involuntario fundador do jornalismo ao alcance de todas as intelligencias e de todas as fortunas.

No meio do sentimento unanime e profundo de todo o povo da capital, que mais de perto conhecia e apreciava os raros dotes do espirito e do coração amantissimo d'aquelle infatigavel trabalhador, todos como se interrogavam sobre quem substituiria o creador da folha então mais popular e mais lida do paiz. A escolha do honrado e benemerito proprietario sobrevivente, o sr. conde de S. Marçal, recahiu no sr. Brito Aranha, que fôra um dos seus mais dilectos amigos e leaes colegas, e reunia, em boa parte, as condições e predicados, que, como jornalista, principalmente salientavam Eduardo Coelho entre os escriptores contemporaneos.

Não podia o sr. Brito Aranha deixar de ficar mui lisongeiramente impressionado; mas movido de louvavel escrupulo, aliado a rara delicadeza de principios de camaradagem, só se prestou a assumir a direcção da popularissima folha, que fizera a gloria de Eduardo Coelho, com o assentimento e plenissimo accordo dos que haviam sido, e continuaram sendo, seus habéis companheiros de trabalho.

Este facto, cuja veracidade podemos garantir, constitue uma especie bem pouco vulgar na epocha presente, e nobilita no mais alto grau o sr. Brito Aranha.

Discordando completamente da, a nosso ver, excessiva transigencia ou tolerancia com certos processos usados pela imprensa hodierna, a que o *Diario de Noticias*, não tem, acaso, podido subtrahir-se em absoluto, devemos confessar, que a folha, creada com tanta fé, e sustentada com tanta perseverança por Eduardo Coelho, sob a direcção superior do sr. Brito Aranha, não tem desmerecido em cousa alguma dos creditos e fama, que conquistara, sendo ainda hoje uma das mais conceituadas e estimadas do paiz.

Durante a sua longa carreira litteraria e jornalística, e cumulativamente, tem o sr. Brito Aranha sido encarregado de numerosissimas commissões, de que se ha desempenhado sempre com muita dignidade e brio.

Tambem o sr. Brito Aranha tem dado um bom contingente para o ensino e educação da infancia, redigindo, e publicando entre outros, um livrinho destinado ás escolas primarias sob o titulo — *Leituras populares, moraes e instructivas*.

Esta obra, que mereceu ser premiada em varias exposições, e teve a approvação do governo, que a mandou adoptar para leitura nas escolas officiaes, está já na 9.^a edição, tendo-se extrahido d'ella muitos milhares de exemplares.

Em as suas *Memoirs historicas de algumas potações de Portugal*, volume de cerca de 400 paginas de 8.^o, mostrou o sr. Brito Aranha, igualmente, que lhe não eram estranhos os estudos historicos e estatisticos, comprehendendo-se na obra citada muitas informações curiosas e de esmerada investigação.

(Continúa)

F. Pereira e Sousa.

O TUMULO DE AFFONSO DE ALBUQUERQUE

Na ultima viagem que o coraçoado Vasco da Gama fez da India para Lisboa veio, sob os cuidados do sr. conselheiro Ferreira do Amaral, comandante d'este vaso de guerra, o tumulo ou urna funeraria onde, até 1565, se guardaram os restos mortaes do grande Affonso de Albuquerque.

Este tumulo assim como uma grande viga de madeira entalhada, que pertenceu aos velhos paços dos vica-reis da India, e um modelo reduzido do monumento de Coge-Cofar de Dio, vieram para o Museu da Sociedade de Geographia de Lisboa, onde actualmente se podem ver.

Sobre tão preciosas reliquias do nosso imperio indiano, publicou o benemerito e illustre secretario perpetuo d'esta Sociedade o sr. conselheiro Luciano Cordeiro, um relatório do qual, com a devida venia, vamos extrahir alguns periodos que ilucidam sobre a gravura que apresentamos hoje aos nossos leitores:

«Em 22 de março de 1892, o sr. Luiz Gonçalves, um estudioso da India, encontrou no adro da Sé de Goa a Velha, entre um montão de escombros derivados das ruínas da igreja da Senhora da Serra, o sarcophago em que jazeram os restos de Affonso de Albuquerque, segundo a inscripção n'elle esculpida.

Lembrava-se o sr. Gonçalves de o ter visto já por de trás do altar mór d'aquella ultima igreja, não tendo, porém, reparado n'essa inscripção.

A igreja ou antiga capella de Nossa Senhora da Conceição da Serra, fôra mandada edificar por Affonso de Albuquerque em cumprimento do voto que fizera quando em março de 1513, navegando na nau Serra ou Santa Maria da Serra, rastejara n'um banco do Mar Vermelho, proximo da ilha do Camarão.

Na cédula testamentaria que fizera em 1515 ao approximar-se, pela ultima vez de Goa, mandára elle «que o enterrassem na sua capella de Nossa Senhora da Serra, da invocação da Conceição», posto que, pelo testamento de dez annos antes, em 1505, tivesse determinado que «depois de comesta a carne», lhe transportassem os ossos para Nossa Senhora da Graça, em Lisboa.

Servindo ultimamente de cemiterio parochial e ameaçando completa derrocada, as ruínas da igreja da Serra, haviam sido mandadas demolir pelo cabido da Sé, sem consulta nem auctorisação de outra estação ou pessoa idonea, e lançada á margem, desprezivelmente, com outras e com a mais pedraria, a urna tumular do grande Capitão.»

«Tendo guardado os restos de Affonso de Albuquerque até que elles foram transportados para Lisboa, em 1565: quando e por quem fôra esta urna mandada fabricar?

No officio, sob mais de um aspecto, significativo e notavel, em que o governador geral da India entrega ao presidente da Sociedade de geographia o monumento, pouco menos que abandonado e perdido, diz-se que elle «deve ter sido feito em cumprimento do prometido por Dom Aleixo de Meneses.»

Indicação tradicional ou illação critica, o sr. Luiz Gonçalves observa que «não ha na historia portugueza facto de onde tal se deduza.»

Mais natural fôra, — e mais conforme, até, com o processo e a experiencia regular d'estas investigações, — que observasse antes se algum facto havia que podesse correlacionar-se elucidativamente com a existencia do monumento, e havendo-o, procurasse medir e liquidar essa correlação.

Se tivesse procedido assim, em vez de considerar «mais natural e conforme com o que diz a historia» que o tumulo tivesse sido mandado fazer por qualquer dos muitos sobrinhos que Affonso de Albuquerque tinha na India, o sympathico estudioso teria facilmente reconhecido e confessado duas circumstancias fundamentais, sendo logo a primeira a de que exactamente o que a historia não diz é facto algum de onde se deduza a sua hypothese.

Não menos importante, decerto, é a outra: a de que o unico facto que a historia offerece como chave do segredo que até agora guardou, é precisamente o episodio a que o officio do governador geral, com muita razão, alludiu.»

«Duas objecções mais faz o sr. Luiz Gonçalves, a que a urna seja da epocha do fallecimento do grande capitão, ou muito proxima d'essa epocha: uma é a dos typos dos caracteres da inscripção, a outra a da divergencia da data da morte e a da idade, com as indicações dos diversos escriptores.

A primeira objecção, perdõe me o estimavel estudioso, não tem razão de ser.

Do mesmo typo são muitos, quasi todos os caracteres epygraphicos da epocha e nem faltam exemplos, até no seculo anterior.

E a dicção e a orthographia são perfeitamente caracteristicas.

A segunda objecção, de alguma maneira participada pelo officio do governador geral, é que tem um irresistivel interesse.

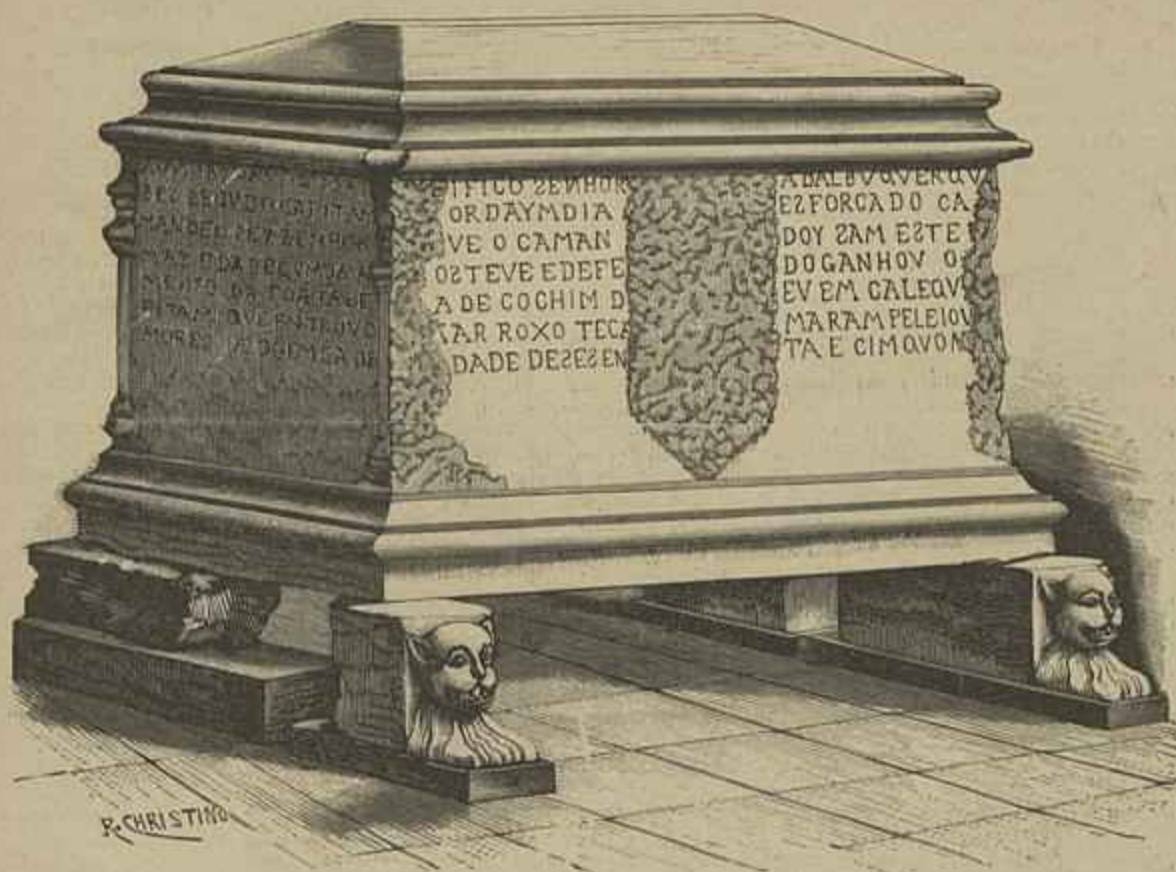
Segundo a inscripção, Affonso de Albuquerque morreu em 15 de dezembro de 1513.

João de Barros diz que fôra em 16, pela manhã; os *Commentaries*, registam que a nau surgiu na barra, — «sabbado de noite, 15 dias do mez de dezembro» — e que o grande homem, no — «domingo, uma hora ante manhã, deu a alma a Deus».

Mas Gaspar Correia, mais exactamente a copia das *Lendas*, de que só em 1800 se fez a edição d'estas, declara que elle expirára — «em a nau largando ancora que foi em 27 de dezembro».

Como quasi todos os nossos escriptores modernos, exaltando um pouco exageradamente a veracidade e a auctoridade de Gaspar Correia, sem considerar as circumstancias da publicação da sua obra e os lapsos e erros, principalmente chronologicos, que d'essas circumstancias se derivaram para ella, como a temos hoje, o sr. Luiz Gonçalves dá preferencia á data das *Lendas*.

Affonso de Albuquerque teria, pois, morrido



O TUMULO DE AFFONSO DE ALBUQUERQUE, QUE VEIO DA ÍNDIA
PARA O MUSEU DA SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DE LISBOA
(Desenho do sr. J. Christino da Silva)

não em 15, não em 16, mas em 27 de dezembro.

Ora, se as *Lendas* fossem, como merecem, mais attentamente lidas, d'ellas, mesmo, havia de ver-se que não podia ter sido tal, em 27.

Quando Affonso de Albuquerque chegou a Goa, morreu e foi enterrado, estava Lopo Soares, o novo governador, em Cochim.

A primeira noticia do facto, levou-lhe a Simão de Andrade, — «o qual partiu de Goa a outro dia que Affonso de Albuquerque foi enterrado», — isto é, a 29, se fosse exacta a data das *Lendas*, que isto mesmo contam.

— «O governador dois dias não saíu fóra», — em signal de sentimento, continuam ellas.

Foi depois, — «a um mui honrado saímento que fez Dom Garcia», — o sobrinho do grande homem.

Chegou, então Pero de Alpoim, o testamenteiro — «com todo o fato e creados de Affonso de Albuquerque, com seu dó, que Dom Garcia tudo recolheu».

Ordenou o governador o leilão do fato, — «que foi assés pobreza de ver», — e tomando ao testamenteiro as arcas dos papeis do fallecido, mandou-as embarcar e expedir, n'uma nau, ao corregedor da casa da Índia.

Vê-se que vamos já muito entredos por janeiro de 1516, necessariamente, partindo da supposta data.

Com diversos e complicados negocios se demorou, ainda, Lopo Soares em Cochim, até — «que se partiu para Goa, que era em dezembro» — de 1515, e tanto que em Goa se demorou, — «até fim de fevereiro de 1516».

Nada mais positivo: Affonso de Albuquerque não morreu em 27 de dezembro, porque n'este mez, ainda, partiu de Cochim para Goa o novo governador, e no intervalo, tres ou quatro dias, não cabe, é claro, quanto sabemos e as *Lendas* contam que succedeu: as duas viagens de Andrade e Alpoim, os dois dias de nojo, o saímento, o leilão do fato, a demora em Cochim, a viagem para Goa com varias escalas.

Mas as proprias *Lendas*, tam-

bem, tinham a bem dizer acautelado, antes, o erro da copia ou da impressão de que muito superficialmente se tem querido fazer a melhor data.

Quando partira Affonso de Albuquerque, de Ormuz, na *Flor da Rosa*?

— «Já na entrada de novembro, diz Gaspar Correia.

Atravessou o golphão, direito á barra de Dabul, e d'ali — «sem tomar terra foi ao longo da costa, com pouco vento».

Aggravára-se-lhe a doença physica e moral, e — «assim lidando com a morte, todos os seus desejos era antes que morresse chegar á barra de Goa».

Foi questão de poucos dias, desde Dabul. A propria narrativa o indica claramente. Se sómente tivesse chegado em 27 de dezembro teria a viagem durado proximamente dois mezes, o que disparata não só com a narrativa, mas com todas as indicações das viagens ordinarias e directas entre Ormuz e Goa, alem de tudo em boa estação.

Já para chegar sómente em 15 de dezembro, — «sem tomar terra», — temos de imaginar que não partira logo na primeira semana do mez anterior.

Em summa, são as proprias *Lendas* que se encarregam de mostrar que a data de 27 de dezembro é um erro naturalmente commetido, como tantos outros, na leitura ou na copia do texto original, senão, o que é mais provavel ainda, na publicação da obra pela Academia.

Fica, pois, sómente, para contrapor á inscripção a data de Barros e dos *Commentarios*.

Não foi, com certeza, em 27, mas seria em 16 de dezembro, rigorosamente, que o glorioso Capitão expirara.

Moribundo estava, porém, em 15, e tendo soltado o ultimo alento, — «antes de romper o dia» — 16, — «uma hora ante manhan» — que é o que dizem Barros e o filho, a ingenuidade do computo funerario, é antes uma abonação, do que um obice á proximidade chronologica da inscripção.

Para a concepção commum, popular, morrerá realmente, na noite de 15.

Agora a idade.

Barros dá-lhe sessenta e tres annos. Póde ser erro de copia, tambem, que é até vulgar: 63 por 65.

Gaspar Correia arredonda-lh'os em 70, attribuindo-lhe, mais até: «passava de setenta annos».

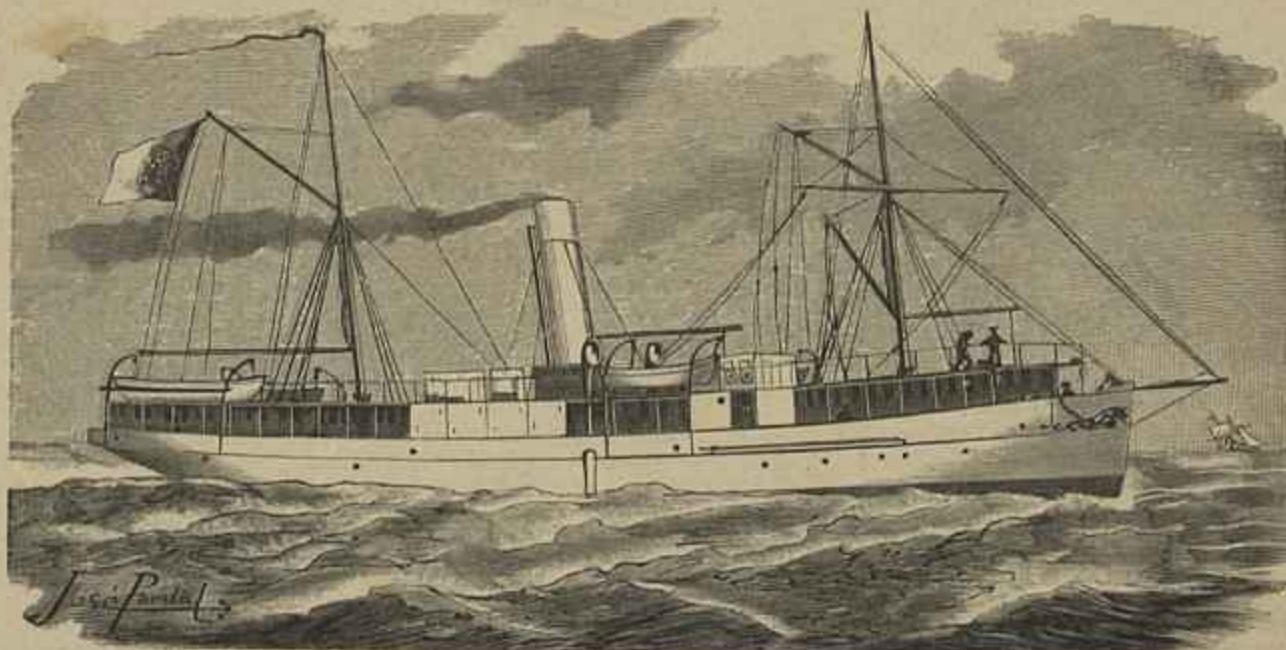
A inscripção fixa-lhe sessenta e cinco.

.....
«De tres partes separadas se compõe o monumento.

Formam a primeira, quatro pedras talhadas em parallelepipedos oblongos que servem de cachorros ou supportes, sendo dois, os da frente, esculpturados, d'este lado, em fórma de cabeças ou meos bustos de monstros ou diabos, de longas orelhas e de dentes agudos, cerrados, talvez permeditada allusão á inveja e á intriga que tanto morderam a sombra do heroe. Os outros dois cachorros, os posteriores, terminam, apenas, em cannellura.

Segue-se o corpo principal, a urna ou caixa funeraria, quadrangular, inferior e superiormente moldurada em cannellura sobre um ligeiro envasamento. Os angulos deviam ser fechados por co-

MARINHA DE GUERRA PORTUGUEZA



O TRANSPORTE «SALVADOR CORREIA»

(Desenho do sr. José Pardal)

lunnetos simples, existindo ainda os posteriores, esculpturados na mesma pedra da caixa, e parecendo, como pensa bem o sr. Gonçalves, que os que ladeariam a face anterior seriam de metal: cobre ou bronze, naturalmente, e em todo o caso separados, percebendo-se ainda os furos dos espigões que os segurassem.

N'essa face, a meio, cortando a inscrição, percebe-se, igualmente, por maneira a não poder haver a menor duvida, o espaço em que deveria as-

timetros nos extremos e de 38 centímetros a meio, estreitando ligeiramente para o fundo.

A terceira parte ou peça, é a tampa, em forma de pyramide truncada, escavada interiormente, de 16 centímetros de altura e base de 1^m,18 por 92 centímetros.

Tem-se considerado geralmente como granito a pedra de todo o monumento.

Creio ser o *pachan*, ou granito pardo, pedra aggregada escura, feldspathica, da região.

- .. IFICO SENHOR A^o DALEVQVERQE
FILHO DE GONÇALO
DEALROQVERQE EDE DONA LIANOR DE MENE
2.^a) .. ES SEGVGO CAPITAM
.. OR DA YMDIA ESFORCAO CA
VALHO QUE NESTAS
PARTES FEZ ASINADOS SERVICOS AELREI DOM
3.^a) MANVEL SEV SENHOR
.. VE O CAMAN DOV SAM ESTE..
GANHOV ESTA CIDADE



OS GAIATOS

sentar o escudo de armas de Affonso de Albuquerque, trabalhado, talvez, tambem em metal ou em pedra mais rica do que a da caixa.

A ausencia porém de quaesquer vestígios da junção, tem suscitado duas hypotheses: a de que não chegasse a assentar-se o escudo, ou a de que este, esculpido na propria pedra, fosse picado. Esta ultima, porém, sómente pôde ser viavel suppondo o escudo saliente ou em alto relevo, além de não ser natural que se destruísse o escudo, conservando a inscrição.

Tem a caixa, externamente, no maior comprimento, 1^m,14, na maior largura 59 centímetros, e 45 centímetros de altura. A cavidade é de 35 cen-

Como já disse, o monumento accusa um trabalho expedito, economico. É de uma grande singularidade, e pela disposição da inscrição, principal elemento decorativo, que começando na face mais pequena da direita do monumento, segue por todas as outras, devia destinar-se a estar isolado, independente, muito provavelmente no meio da capella, em frente do altar.

Essa inscrição é cavada com perfeição, em caracteres de 4 centímetros de altura, redondos formando sete linhas seguidas em volta.

É a seguinte:

- 1.^a) AQVI IAZ O MVITO MA

- 4.^a) AOS MOYROS DVAS VEZES POR FORÇA DAN
MAS E DASEGVNDA A
.. OSTEVE EDEFE DO GANHOV O
REINO DORMUZ GANH
OV O REINO DEMALACA FOI EM AIVDA DO FAZI
5.^a) MENTO DA FORTALE
.. A DE COCHIM D EV EM CALEQV
CHEGOV AS CASAS DEL
BEI DEV COMBATE EN ADEM FOI OPRIMEIRO CA
6.^a) PITAM QVE ENTROV O
MAH ROXO TE CA MARAM PELEIOV
OVTRAS VEZES POR SE
RVIÇO DE SEV REI COMA LEAL VASALO QVE ERA
7.^a) MORREO DE DOENÇA DE

DADIE DE SEEN TA E CINQVO AN
OS ERA DE 1515 NOMES
DE DEZEMBRO A 15 DO DITO MES

Leitura:

Aqui jaz o muito magnifico Senhor Affonso de Albuquerque, filho de Gonçalo de Albuquerque e de Dona Leonor de Meneses, segundo capitão da Índia, esforçado cavalleiro que nestas partes fez assignalados serviços a Elkei Dom Manuel, seu Senhor, que o cá mandou. São estes: ganhou esta Cidade aos mouros, duas vezes, por força de armas, e da segunda vez a susteve e defendeu; ganhou o reino de Malaca; foi em ajuda do saqueamento da Fortaleza de Cochim; deu em Calecut; chegou ás casas delRei; deu combate em Adem; foi o primeiro Capitão que entrou o Mar Roxo até Camarão; pelejou outras vezes por serviço de seu Rei como leal vassallo que era.

Morreu de doença, de idade de 65 annos, Era de 1515, no mez de dezembro, a 15 do dito mez.

(Continúa).

R.



AS NOSSAS GRAVURAS

MARINHA DE GUERRA PORTUGUEZA O TRANSPORTE SALVADOR CORREIA

O transporte de guerra *Salvador Correia*, de que hoje reproduzimos a gravura, foi construído ha tres annos, em Inglaterra, na casa Laird Brothers de Birkenhe.

É de 300 toneladas de deslocamento, tendo 42^m,67 de comprimento, 6^m,40 de bocca e 2^m,06 de immersão. Tem estado ao serviço da divisão naval da Africa Occidental.

O nome que tem é o do governador que foi de Angola, de gloriosa recordação.

OS GAIATOS

São de toda a parte. Os de Lisboa até mereceram a honra de uma comedia que fez a gloria de um artista — o actor Sargadas — que depois de ter exercido varias profissões e corrido meio mundo, veio a dar em actor e a ter a sua corôa na creação do papel do *Gaiato de Lisboa*, no theatro de D. Maria.

Bons tempos aquelles em que até os gaiatos tinham um feitiço differente dos de hoje, que a policia não deixa pôr pé em ramo verde.

Eram de respeito.

Hoje quasi que não ha gaiatos. Acabaram com os burros do José d'Adica, ultimo ribeirinho que ainda conhecemos em Lisboa; acabaram com os tambôres-môres que eram as delicias do gaiato de Lisboa, marchando na frente dos regimentos e imitando todas as evoluções que aquelles faziam com o grande bastão no ar.

O progresso, que tudo tem transformado, achou em que empregar o gaiato, e muitos já são commerciantes. Vendem jornaes pelas ruas, e os primeiros pregões que se ouvem de manhã cedo, ao romper do dia, são os d'elles, apregoando *O Diario de Noticias*, *O Seculo*, *A Vanguarda*, etc.

É pena, porém, que lhes falte completamente a educação, porque muitos veem a dar, por fim, em vadios e gatunos, quando não estão já para andar a correr por essa cidade a troco de uns miseraveis vintens que lucram do commercio que fazem por conta alheia, porque é bom notar que esses gaiatos não vendem os jornaes por sua conta, mas sim por conta d'outros, que também já foram gaiatos como elles, mas agora são patrões.

Ordem do mundo, contra a qual devesse se esforçarem todas as theorias socialistas.

O BANDARILHEIRO

Ahi o teem com todo o garbo e elegancia do seu pittoresco traje, colorido e rico, de seda e oiro em grossos canotilhos e agulhetas, estrellado de lanjeoulas e de uma elegancia unica, na apertada jaquetinha andaluza que não passa abaixo das costellas, mal pousando sobre a larga cinta de seda vermelha que lhe cinge a cintura, onde veem ajustar-se os calções, tão justos e amoldados ao corpo, que será difficil descobrir-lhe uma prega, o mesmo que ás meias, de fina seda também, que lhe revestem as pernas e os pés, elegantemente calçados por sapatinhos de fivella de prata.

Aos toiros!

Elles que venham, que não encontrarão desprevenido o nosso bandarilheiro.

Pôde ser portuguez ou hespanhol.

A elegancia a mesma, a destreza por igual. A mesma intrepidez, o mesmo arrojo.

Aos toiros!

Fazer um *passo*, um *cambio*. Enteitar o bicho com um bom par de bandarilhas; passar um boi á capa até o estontear, cegar, zombar da lera, pôr-lhe o chapéu nas armas e deixal-o para ali desdenhosamente, vencido, humilhado, de nada lhe valendo a força contra a arte e arrojo do lidador, que triumpho!

Levantar os espectadores em calorosos applausos; homens e mulheres a aclamarem o heroe da corrida; as mulheres, principalmente, a arremessarem-lhe com os lenços, no meio do entusiasmo geral, teem para elle dobrado valor os seus applausos.

Aos toiros!

E o sol a dardejar lá de cima os seus raios dourados, como que associando-se á festa, illuminando a arena, dando mais brilho ás côres vivas com que a multidão se colore. E a musica a tocar alegremente por cada sorte bem aproveitada, e milhares de boccas soltando bravos de um entusiasmo delirante!

Que gloria; que regosijo o do bandarilheiro assim aclamado!

Aos toiros!

E succedem-se as aventuras, que de aventuras é este bom povo peninsular.

Podem haver perigo; será arriscada uma empreza; terá que se jogar a vida; combater, vencer ou ficar vencido; que importa! Nada o amedronta; quanto mais arriscado o lance, maior é a aventura; e porque isto está no espirito de todos, d'ahi nasce a paixão do povo peninsular pelas toiradas.

Aos toiros!

PORTUGAL EM 1760

Cartas Familiares
de José Baratti, traduzidas do italiano

XIX

Extremoz, 20 de setembro de 1760, á noite.

Nem sempre ri a mulher do ladrão, nem sempre chora quem viaja em Portugal. Esta noite ha que dizer alguma coisa alegre depois de tanta lida enfadonha. Passarei mal a noite; lá isso é certissimo, não ha fugir-lhe: dormirei no chão, como usam fazer os cães e os portuguezes; mas eis que um assumpto alegre me saltou no tinteiro, pelo que, oh minha penna, pertence-te tiral-o de lá, e honrar-te d'elle, consolando os meus pobres irmãos que se desesperam e entisicam de raiva ao lerem todos estes meus infortúnios. Comtudo, para o carro não ir adeante dos bois, atarei o fio da minha lastimosa historia no momento em que esta manhã subi para a caleça. Ao atravessar Arraiolos lobreiguei um pequeno castello antigo, que de um alto está a ranger os dentes; quero dizer, que as suas ameias fendidas, á falta de rima, poderiam comparar-se aos dentes de um macaco velho, quando sorri. As collinas que rodeiam Arraiolos, vistas de longe, não produzem mau effeito. Pelo caminho até á Venda do Duque vêem-se, aqui e alli, muitos carvalhos e algumas oliveiras, mas vinhas, nenhuma. Eram dez horas quando chegámos á Venda do Duque, isto é, a uma casa isolada, onde creio que se refugiam todas as noites a fome, a raiva e outros hospedes semelhantes. Porque se chama áquelle covil de ladrões venda ou albergue do duque é um ponto de etymologia que ainda não achei quem me decifrasse. Talvez que aquella venda fosse mandada fazer antigamente pelo duque Gano de Maganza, que, no dizer dos nossos primitivos romancistas e poetas, foi um traidor afamado nos tempos de Marsili, rei de Hespanha e de Portugal. Tendo alli tomado á pressa uma pequena refeição do nosso farnel, e pago ao vendeiro como se o comer fosse fornecido por elle, nem sequer quize esperar que os ca-leceiros houvessem acabado de roer um esqueleto de coelho que lhes tinham dado; e, deixando ficar para traz o sr. Eduardo, metti-me ao caminho com tamanho furor que andei duas leguas e meia a pé antes que os vagorosos machos me apanhassem. O sol, na verdade, tinha resolvido queimar-me, mas uma brisa amorosa oppoz-se ao seu cruel desejo. Seguindo os atalhos no campo, observei diversas plantas que não ha, me parece, em Inglaterra, nem mesmo n'aquellas partes da Italia que tenho visto, quanto os olhos se podem recordar. Ha n'esses campos em grande abundancia uma es-

pecie delicada de rosmaninho que tem um aroma finissimo, e ainda em maior abundancia um arbusto cujas folhas são glutinosas e fetidas, do qual dizem que se servem os curtidôres para curtir as pelles, e outros artifices para fazerem um fogo violento. Ruim cousa é não ser botânico quando se jornada a pé. O nosso joven doutor Allione e o meu Marsili de Padua invejariam a minha boa sorte de poder vaguear a meu bel-prazer nas cercanias da Venda do Duque, e eu renunciaria em seu favor o meu privilegio por esta minha pitada de rapé que estou tomando com a esquerda, emquanto com a direita vou continuando a dizer que quando o doutor Marsili esteve commigo em Londres iamô algumas vezes ao jardim botânico de Chelsea, e pedia-lhe que me dissesse os nomes d'estas e d'aquellas plantas, que me esqueciam, comtudo, d'alli a um instante; e não admira que toda a minha botânica consista apenas no conhecimento d'aquelles simples que são bons para comer; como, por exemplo, a alface, a escarola, o alho, a cebola, o rabano, o rabanete, e outras plantas e raizes d'esta especie, de que fazem uso quotidiano os christãos. E de todas as plantas exóticas não conheço e não gosto de outra senão do ananaz, fructo do Tropico, que tenho ouvido dizer se vae introduzindo em muitos pontos da Italia, e que espero o referido Marsili me dê a comer quando estiver com elle em Padua, porque aprendeu em Londres a cultivar o muito bem; de maneira que, meu bom Marsili, tem paciencia; pois, se eu digo isto aqui do ananaz, é para me lembrar de comer o que me darás a seu tempo, comquanto eu não tenha nascido, como tu, para discipulo de Tournefort e de Linneu, nem a botânica, a não ser a comestivel, me queira ficar na memoria. No alto de todas as collinas que ia subindo a pé, descobria como que um edificio n'uma eminencia, ao longe, que não podia saber o que fosse. A poder lá mirar e remirar, de caminhar e caminhar, por fim o vidro da luneta disse-me que era uma cidade fortificada segundo os preceitos modernos. Semelhante perspectiva não causa impressão a quem viaja n'um paiz civilizado e cheio de habitações; mas a quem, durante tres dias, atravessou uma região selvatica e despovoada, a quem por espaço de cincoenta, sessenta ou setenta milhas, só encontra uns Pegões ou uma Venda do Duque, e n'uma jornada inteira apenas vê um homem, duas cabras e quatro passaritos, a vista de uma cidade fortificada á moderna alegra os olhos, dilata-lhe um pouco o coração, e n'elle introduz alguma alegria. E esta minha alegria se tornou grande deveras, quando, ao juntar-me com o ca-leceiro, que estava esperando deitado debaixo de uma arvore, ouvi dizer que aquella povoação fortificada á moderna era a villa de Extremoz, e que lá, e não em uma Venda, se passaria a noite. Ao ouvir esta boa nova, encaixei-me na caleça, e toca a andar. Chegando á porta, que tem no cimo uma imagem de Nossa Senhora, uns soldados que alli estavam de guarda cercaram nos, e um official-sito inferior, muito miseravelmente vestido, mas valente como um Patrocolo ou um Brandimarte, se tivesse que dar uma batalha com um guizado, se apresentou na minha caleça, e pediu-me imperiosamente o *passaporte*. Tirei-o da bolsa com muita gravidade, abri-o com todo o vagar, e passei-lho ás mãos sem proferir uma syllaba. Era um passaporte que o conde de Kinnoul tinha obtido para mim em Lisboa do secretario de Estado D. Luiz da Cunha. Certo que o tal official não cançou muito a memoria com o alphabeto, porque examinou o passaporte de pernas para o ar, como eu maliciosamente lh'o tinha dado, fazendo comtudo que o lia em voz baixa. Entretanto o Baptista havia saltado da caleça, e sabedor dos costumes da terra por já ter feito mais vezes esta jornada tirou sem cerimonia o passaporte das mãos d'aquelle audaz Mandricar-dino, pediu que um soldado fosse com elle ao governador, e ordenou com auctoridade a mim, seu antigo e novo amo, que seguisse mais o sr. Eduardo para a estalagem. Ao entrarmos na cidade, oh que espectáculo inesperado! Fomos cahir, meus irmãos, n'um bando de mascarados que rodearam a nossa caleça. Taes mascarados, com a voz disfarçada, gestos e maneiras truanescas, disseram em portuguez mil coisas espirituosas, das quaes não percebi uma *palavra*; guinchavam todos ao mesmo tempo, como fazem os grillos e as rãs em nossos campos nas noites de estio. O estrepito das caleças e das mascaradas chamou ás janellas, á medida que iamô andando, um mundo de mulheres, que fui mirando com a minha luneta, sem que mostrassem desprazer de serem por mim observadas através de um vidro. E pois que vem aqui a proposito, sempre direi que muito mal fazem muitas das nossas damas e senhoras de Italia, as quaes, ao verem que são contempladas por al-

guem com a luneta, de subito se apressam desdenhosamente a tapar o rosto com o leque, como se quem olhou para ellas fosse um basilisco que pudesse envenenar-as com o olhar. Então porque um rapaz tem a desventura de ter a vista curta deverá ser privado do privilegio de admirar por um momento os seus encantos? Que justiça é esta, minhas senhoras? É tão justo como não dar de comer a alguém, porque lhe cahiram os dentes; ou como se se quizesse obrigar uma pessoa, que tem as pernas tortas, a não usar de calçado proprio. Quando uma linda mulher vê que qualquer galan peticeiro olha para ella com a luneta, a justiça e a caridade requerem pelo contrario que ella se volte um pouco para a gente, para a poderem ver melhor, sem auxilio de vidro. Ora pois, minhas senhoras, deixae-vos mirar com a luneta e sem luneta, e não useis esses modos rudes e provincianos para os que não tem boa vista, porque algum d'elles poderia ainda, em caso de necessidade, escrever um soneto em vosso louvor, e fazer que o vosso nome fique coberto de gloria por todos os seculos em algum tomo futuro da colleção de Goggi. Quero, porém, advertir a uns certos palermas que, tendo levado a vida, Deus sabe como, e sendo forçados a usar de vidros, costumam assestar a luneta por um espaço de tempo tão importuno nas faces pudibundas de uma bella que não ha maneira nenhuma de os supportar, porque a põe em risco de ter muitos olhos voltados para ella; o que se torna sempre algum tanto incommodoso para as mulheres que são susceptíveis de modestia, e cuja indole é delicada e senhoril. Em summa, as mulheres de Extremoz ás janellas, e os mascarados na rua, todos riam como loucos, e como loucos riamos também o sr. Eduardo e eu. Chegámos á estalagem, apeámos-nos da caleça, subimos para um quarto com o pavimento e o tecto, ambos fendidos e rotos e transparentes, na forma do costume. Fomos-nos pôr á janella que deita para a praça de armas, e por toda a parte não se viam senão mascaradas. E que mascaradas! Um vestido de urso, outro de macaco; este com pontas na cabeça, como boi, aquelle com uma cauda de cavallo posta no trazeiro; um de espada á cinta a modo de cauda de vestido, outro com calções de duas côres. Muitos de golilla á hespanhola, e muitos um grande par de bragas á suíssa. Muitíssimos traziam guitarra, e tocavam desesperadamente. Muitos saltavam de cavalleiras uns sobre as costas dos outros, como costumam fazer os nossos rapazes travessos á sabida da escola. Uma ranchada d'esses mascarados veio pôr-se debaixo da nossa janella, e um d'elles levantou para nós um pau, na ponta do qual tinha presos alguns papagaios de madeira mal feitos e mal pintados; e depois toda aquella tropa casquinando e zurrando como burros, berravam *monsieu, monsieu*. Não pude saber o que significavam aquelles papagaios. Supponho, todavia, que occultavam alguma coisa muito portuguezmente espirituosa para ridicularizar os francezes, porque nos tomaram por francezes. Outros patenteavam a sua maravilhosa agudeza de entendimento, fazendo profundas e demoradas barretadas e cortezas. Em summa, todos se divertiram muitissimo á custa dos estrangeiros. Voltou Baptista de casa do senhor governador com um escripto mandado por sua excellencia para fazer uma coisa que para mim foi novidade, porque se sentou a uma mesa, e, pedindo tinteiro e penna, poz-se a rabiscar não sei o que, e, passados tres minutos, voltou-se para mim e disse que me collocasse defronte d'elle, pois queria notar os meus signaes, isto é, descrever-me com a penna: e, com effeito, escreveu, conforme pude perceber, que o *senhor D. José Barretti* é um homem mais alto que baixo, antes feio que bonito, com ar de doido, e não de pessoa de juizo, e outras coisas semelhantes; e, feita a mesma cerimonia com o sr. Eduardo e o Baptista, inquirida o assente a idade de cada um, fez o seu comprimento, entregou-me uma licença para sahír amanhã de Extremoz, e foi-se embora. Tendo-se retirado o escripto, fomos-nos arranjar e depois sahimos para ver a villa, cujas casas são todas pequenas, mas caídas, de sorte que não desagradam á vista. Aqui encontravam-se mascaradas que, ao passarem, nos queriam sempre dizer uma ou duas graciosas. Allí, onde certas senhoras estavam n'uma varanda, juntou-se bastante gente, e um mascarado muito novo, muito bem feito de sua pessoa, armou uma dança á portugueza com outro rapaz vestido de mulher, e dança foi ella que me agradou muitissimo pelo desembaraço e galhardia d'aquelle mascara novinho. E, se todos os portuguezes dançam d'aquelle modo, para dar a cada um o que é seu, forçoso é confessar que em pontos de dança recreativa os portuguezes levam a palma aos italianos, aos inglezes e aos francezes, os quaes, na verdade, não tem dança ne-

nhuma de duas pessoas, que chegue nem á metade da graça d'aquelle, e que seja, ao parecer, tão ligeira como a que allí presenciiei; e o *trescone* dos toscanos, a *furlana* dos venezianos, a *corrente* dos monferrinos, e o *minuete* e o *amabile* dos francezes não são mais que semsaborias em comparação d'aquelle dança portugueza. Esta gente de cá e os hespanhoes tiveram fama pela dança até na antiguidade, e especialmente os andalozes e granadinos; e as suas raparigas menos serias iam então d'estes paizes para Roma dançar e enlouquecer de amores os antigos consules e tribunos, como hoje em dia as nossas bailarinas dão volta ao miolo dos nossos modernos marquezes e condes por toda a Italia. Valerio Marcial fez menção das bailarinas beticas e gaditanas, isto é, do reino de Granada e do de Andaluzia (se não me engano) em um dos seus epigrammas; e Juvenal não se esqueceu de dizer todo o bem que essas antigas *virtutes* mereciam que se dissesse d'ellas nas suas satyras. Julio Scaligero na sua *Poetica* disse também alguma coisa das antigas danças d'estes paizes, as quaes supportam ainda muito bem a comparação com as que ainda se usam n'estas provincias. Que fortuna para vós, meus irmãos, o não ter eu commigo nem Marcial nem Juvenal nem Scaligero! Oh! se os tivesse, não deixaria com certeza escapar a occasião de fazer-vos aqui uma tirada maldita de erudição, com as suas amaldiçoadas postillas á margem, que mais excomungado extendal de sapiencia nunca o teriei visto. Terminada a sobredita dança, e tendo-se retirado as mascaradas, fomos visitar os dois conventos principaes da villa; mas nada vi de singular n'elles. Apenas gosei da janella de um frade agostinho um panorama bellissimo das collinas ao redor da villa, que tem muitas arvores. Ao recolhermos a casa, fomos dar com outra mascarada que não custou nada a conhecer que era composta de soldados da guarnição. Os pobres tambores e cornetas, á falta de vestidos de mascarada, tinham coberto a cabeça com pedaços de véo negro, e tocavam nos tambores que era de ensurdecer. Chegada a certo sitio, toda a militancia mascarada fez alto, e um, que devia ser cabo ou sargento, tirou da algibeira um papel escripto, que leu em voz alta. Segundo o que pude colligir, era uma proclamação ou bando, ou como melhor se diga. Ordenava aos habitantes de Extremoz que fizessem festas e mascaradas durante oito dias em honra da princeza do Brazil, que ha mezes casou com seu tio, o senhor D. Pedro. Não me foi possível perceber bem toda a significação do bando, grande estopada, em que se mencionava a princeza, D. Pedro, Nossa Senhora, Santo Antonio, S. Francisco, os frades, as freiras, a paz do reino, danças, mascaradas, a liberdade e outras cousas que se me figuraram confundidas um tanto profanamente, por não me parecer que a Virgem e os santos, e ainda os frades e as freiras, estivessem lá muito bem reunidos com as mascaradas e as danças; mas os portuguezes tem uma noção das cousas um pouco diversa de nós; e em todas as suas acções misturam o sagrado com o profano, ao passo que na nossa mais culta Italia já se não costuma fazer aquillo tanto como se fazia em eras menos illustradas do que este nosso seculo. Comtudo, ainda hoje praticamos, como os portuguezes, algumas abusões d'esta natureza, por uma razão que não quero dizer. Finalmente, cerrou-se a noite, e por isso fomos para a ceia; o Baptista a tinha preparado lauta para nos restaurarmos da pequena e ligeira refeição que havíamos tomado esta manhã n'aquella miseravel e porca Venda do Duque. Agora lá me irei deitar a dormir no meu colchão extendido no sobrado, repito, e repeti-o-hei ainda muitas vezes; mas vi os mascarados de Extremoz, e estou contente como uma noiva. Desejava somente saber porque foi toda esta demora depois do casamento da princeza para se lhe fazer a festa; mas aqui ninguém me sabe dar a razão. Estou resolvido a ir ver amanhã Villa Viçosa, posto que d'ahi resulte demorar-se a minha estada em Portugal meia jornada ou uma jornada inteira. Reflectindo hoje sobre aquillo que me escapou dos bicos da penna a outra noite em Vendas Novas, a respeito de ir ou não ir áquella villa, envergonhei-me de ter mostrado tão pouco animo; pelo que amanhã lá irei contra minha vontade para meu castigo. Que importa passar mais ou menos uma noite má n'uma estalagem? Por maneira que é provavel que amanhã a noite seja muito extenso, porque a mim praz-me fazer longas descripções. Vós, porém, meus irmãos, não me deveis ficar em muita obrigação por todo o passatempo que vos proporciono, escrevendo diariamente ou, para melhor dizer, noturnamente, todas estas bellas cousas. Se o faço, é para retardar a hora que me deve causar o aborrecimento de me atirar para cima do colchão n'es-

tas estalagens incadas de pulgas e de piolhos, e pela maior parte das vezes só largo a penna quando me sinto a cair de cansaço e de somno, como agora estou. Adeus.

Alberto Telles.

AS NARCEJAS

UMA CAÇADA PRINCIPESCA

(Concluido do n.º 835)

O oiro é magico — com dinheiro faz-se tudo. O principe transformara a casita pobre e humilde, e improvisara ali uma sala de jantar, como as dos melhores hotéis da capital!

O que vimos, ao entrar, não era a fumegante assorda rustica, nem o bacalhau, pratos apreciados pelos estomagos que trabalham em sete diamantes — como dizia o nosso chorado e chistoso visconde de Benalcanfor — quando são acompanhados com vinho mouro, tirado de sobre a mãe á nossa vista, e bebido em altos e largos copos, de figura, na phrase pittoresca dos amadores; não, não era esse o espectáculo que se nos deffrontava.

As duas mesas reunidas — nós eramos muitos — cobria-as alvissima e luxuosa toalha, de elegantes e finos desenhos; a baixella era ingleza, flores ao centro! Não faltava nada. Nem os christophles, nem os crystaes desdiziam do resto, e emquanto a manjares — ostras, mortadella de Milão, fiambres, salame, peixe, assados, pasteis, torrão d'Alcante, emfim os mais apurados productos da cosinha do *Hotel d'Europe* e dos fornos do Balthesqui! E. Bordenes, e Bucellas, e Champagne! Um festim de *Café Riche* ou do *Anglais*, n'um casebre de Coima!

O tempora! O caçadas!

Descrever uma d'estas ágapes ruidosas, hoje, á distancia de tantos annos — é empreza impossivel. Disse-lhes que era superior o *elenco* d'esta companhia. Figuravam n'ella artistas de *primeo cartello*, e para a tornar de primeira ordem bastava-lhe a presença de Bulhão Pato — então na força da vida e na completa efflorescencia do seu brilhante espirito, do seu formoso talento, do poeta, de quem outro — Castilho — me dizia, por esse tempo, que devia andar sempre acompanhado d'um stenographo, que nos conservasse os eloquentes e deslumbrantes improvisos, que elle costumava prodigalizar aos seus amigos nas mesas dos cafés, nos hotéis onde jantava, nos sa-raus, em toda a parte, emfim, onde podia fazer ouvir a sua palavra quente, colorida, e accentuadamente peninsular.

E Castilho tinha razão. Quantas d'essas perolas perdidas, esquecidas, formam hoje apenas — na nossa memoria — uma especie de *nebulosa*, quando podiam scintillar nos fastos da palavra, e refulgir na oratoria patria, como astros de primeira grandeza!

Herculano Machado — um dos nossos convivas — não primava em dotes oratorios, mas possuia um largo repertorio de cantigas francezas — e fez nos ouvir algumas das mais picantes, em que mais abundava a veia mordente, o espirito salgado da raça gauleza. As aneddotas e as gurgalhadas eram cortadas pelo dispar das rolhas do Champagne-Cliquot e St. Emilion, e esfervilhavam frescas, como o vinho que espumava nas taças.

Bulhão Pato — um dos dois mais primorosos e dramaticos recitadores que tenho ouvido — o outro era Castilho — Bulhão Pato disse-nos alguns trechos hilariantes d'um poema anonymo, que infelizmente ficou inedito, e que Herculano punha entre as obras capitais do genero folião; e para Cosselli, que não entendia a nossa lingua, recitou em hespanhol alguns dos cantares de Trubá, — os que elle tão magistralmente traduziu, que ainda melhores me parecem em portuguez — fechando, n'outro genero, com as celebres quadras em réplica, feitas ao improvisador Lacerda por outro, também celebre em Coimbra. Esplendidas. Não as sei de cór. Se o conhecem — elle que lh'as diga.

As narcejas não figuravam no *menu* do nosso almoço, mas entraram na conversa. E foi o caso que alguém se referiu a um certo modo infallivel de as caçar, a pé enxuto. Uns servidores leves e sem rheumatismos, nem receio de os vir a ter, entram nos chaboucos, e fazem-as levantar. Os amadores hydrophobos — não confundir com dam-nados — esperam-as, occultos, e armados com binoculos; vêem-as poisar, ali perto, a oito ou dez metros, e fuzilam-as sem misericordia! Uma caçada ideal!



BANDARILHEIRO

Foi aclamado com calorosas gargalhadas o engenhoso e anónimo inventor do novo e infallível methodo venatorio. Quando ellas serenaram, José d'Avellar, que se conservava triste e merencório no meio da geral alegria, levantou-se, e apontando para as suas altas e elegantes botas — novas em folha — disse:

— Pois, meus amigos, eu, pela minha parte, não preciso de recorrer à nova invenção, não careço do binóculo: substituo-o, e com vantagem, pelas obras do meu sapateiro. Estas botas, que hoje calcei pela primeira vez, são admiráveis! As outras botas servem para andar; estas não, e para estar parado, exactamente como os taes caçadores. Agora, enquanto a alcance, não são de sete leguas, deitam muito mais longe; não são botas, são dois telescópios! Com ella, não me escapa nem uma narceja gallega, que são as mais pequenas!

— Não percebo bem... observou um.

— E' porque eu com estas botas vejo tudo! Se até vejo as estrellas! Calce-as vossê, e verá!

A voz de José d'Avellar era dorida, mas as gargalhadas retumbaram, estrugiram, por toda a casa. Cabral, que se levantara para dar as suas ordens para o regresso da expedição — appareceu entre portas, já armado, e com um tom imperativo, apontando-nos para o campo, disse:

— *Messieurs, la gloire nous attend. Marchons!*

O dia estava esplendido. Atravessámos os taboleiros dos arrozais e dirigimo-nos ao pinhal: era quasi certo encontrarmos ali as galinhas. E' bom variar de caça; e depois tinhamos cães de primeira ordem, espadas para tudo. E com as sympathicas bicudas levantaram-se iam também narcejas, que, segundo o costume, se teriam lá refugiado, espantadas pela nossa fuzilaria. Para completar a trindade emplumada também alguma codorniz saltaria de improviso deante dos caçadores.

Estava o terreno um pouco encharcado: chovera nos dias antecedentes. Entrados no pinhal os cães deram logo pelo rasto das galinhas. A minha cadella, a poucos passos, achou uma; mas era

uma mestra. Quatro levantes lhe deu, sem eu lhe poder atirar! Não esperava, mas a *Joia* parecia que a via poisar, tão certa lhe acudia a revoadal! Primoroso animal!

Só quem vê trabalhar assim, deante de si, de cabeça alta, a ventos, um *pointer*, é que pode avaliar o prazer intenso, dramatico, que sentimos no seguimento d'uma perdiz, ou d'uma galinha, como aquella, que mostrava conhecer todos os recantos do pinhal, onde tão bem se defendia, e se furtava à nossa vista. Pois se ha bons olhos, eram os meus d'então. Estava na força da vida — pouco mais de trinta annos. Mas, afinal, sempre velu para Lisboa, com as suas primas do arrozal. Que ellas, a julgar pelo bico, devem ter entre si algum parentesco.

Havia galinhas no pinhal, mas não eram tantas como as narcejas em baixo, nos alagamentos. Voltámos para ellas. Cabral e Bulhão Pato preferiam-as: eram dois especialistas e gostavam de fazer torneio.

Quando descíamos a encosta, muito lamacenta e escorregadia, como era possível que algum de nós apalpassem a mãe-terra e alguma espingarda se disparasse, ouviu-se uma voz forte e breve:

— Armas no descanso!

Iamos todos, em magote, descendo a rampa. A minha direita, e um pouco atrás — em serra fila — vinha o cigano — Bettencourt se chamava elle, se não me engano: — adeante de mim, e um pouco sobre a esquerda ia Lopes Cabral. De repente ouviu-se um tiro, que partiu no meio de nós.

Cabral, um pouco enfiado, mas com o olhar firme, voltou-se para traz e perguntou:

— O que foi isso?

Eu olhei para o cigano, que me seguia.

— O cão da espingarda, que me escapou — disse elle, com a voz sumida.

A carga passou embaldada entre o meu peito e as costas de Lopes Cabral, porque eu ainda vi a posição em que o homem trazia a arma. Uma caçadeira de dois canos, curta, polida e brilhante como prata. Posso dizer que tive a morte bem perto. O tiro era fatal. Uma pollegada de mais ou de menos, e um de nós estava morto!

E o caso de dizer que escapámos por uma unha

negra. As d'elle não deviam ser muito brancas, e nas suas mãos esteve a nossa vida.

Tempos depois vi-o, uma noite, no theatro da Trindade, n'um baile de mascarar. Se não era elle, era o demonio por elle, como diz o povo. E não tardou muito que não fosse preso, e recolhido ao Limoeiro. Quando o Manoel Candido, nosso caçador, nol-o apresentou, andava elle fugido ás justicas de Vizeu. Dentro do Limoeiro, para entreter os ocios, parece que também fez das suas, de forma que, quando lhe deram passagem para a Africa, devia levar a parte um pouco carregada. A consciencia talvez fosse leve — que a maioria dos criminosos diz-se innocente, e alguns parecem estar effectivamente convencidos de que o são. Que Deus os allumie, e nos livre d'elles, enquanto a luz da sua Divina Graça os não esclarece e guia no caminho da salvação!

Manoel Candido já morreu. Quero crer que elle não conhecia bem a vida do seu companheiro. Faça esta justiça á sua memoria.

Apenas pozemos pé nos arrozais recommçou o tiroteio. Ao cigano levantou-se-lhe uma narceja deante dos pés, e elle, como para mostrar que sabia pegar n'uma espingarda, chofrou-a, e tão de perto o fez, que a esfrangalhou — ficou feita n'um bolo.

Seguiu a caçada, e findou sem mais incidentes. Este passou rapido, e assim como o céu n'aquelle dia não tinha a mais pequena sombra, que lhe manchasse o puro azul, não mais nos lembrámos, nem do tiro, nem do desastrado caçador. Eramos muitos, e novos, e portanto alegres. Nas nossas almas havia também o azul do firmamento.

Um dia cheio. E graças, a Deus, chegámos a Lisboa todos, e intactos. Quando entrámos, ao cair da noite, no Balthesqui, da rua dos Capellistas, a descansar e a beber o copo da despedida, entrou também um amigo e conhecido de quasi todos os que alli estavam, e vendo um cesto cheio de caça, perguntou-nos quantos dias tinha durado a festa.

— Fomos hoje de madrugada — respondeu Bulhão Pato.

— Então, sim, senhor. Boa caçada — boa de lei! Quantas narcejas?

— Cincoenta e cinco — além do mais — patos, galinhas e codornizes.

— A minha caça é maior, mas quando estou feliz, o mais que dou é um tiro.

Era José Maria de Carvalho Costa, grande amigo do celebre Mira — o general dos caçadores do Alemtejo, e seu companheiro nas famosas montarias aos javardos.

— Pois mestre Cabral, que alli está, á sua parte, matou vinte e duas, e dobrou duas vezes os tiros! Ellas amam-o muito, lançam-se-lhe nos braços! — disse Bulhão Pato, olhando para o principe, que gostava immenso, e que se ria como um perdido, quando o poeta o fazia alvo dos seus imaginosos e pittorescos gracejos.

— Eu, continuou elle, tratei de não fazer má figura, e andei assim ao rez-vez do Cabral, menos o dobrar, que em *dobras* é elle mais rico do que eu. Tem a fortuna de não ser poeta! Isso lhe basta.

E continuou alli o tiroteio engraçadissimo, em que Bulhão Pato não tinha rival — porque os seus improvisos n'este genero são como uma deslumbrante *mayonnaise*, em que se saboreiam, reunidas a *verve* franceza, o *salero* andaluz, e a graça portugueza — tudo temperado pela mão d'um mestre.

— E agora, a quartéis, disse Lopes Cabral. Coselli, au revoir.

Esta caçada, que foi para nós uma festa involuvel, apesar, ou também pelo contraste da presença do illustre Bettencourt — fôra offerecida ao artista italiano, que, na sua qualidade de pintor, mostrara aos seus amigos desejos de ver os campos e a paisagem do sul do Tejo.

Devia ficar satisfeito. Uma madrugada esplendida, um formoso dia, optimos atradores, poetas, medicos, artistas, muita caça, uma paisagem sobria de effeitos, mas caracteristica, cavaco do mais fino, ruidoso, alegre e espumante como o Champagne, e, finalmente, para que não faltasse nada a um amador de theatro, assistiu ao ensaio, teve o antegosto d'uma tragedia!

16 d'agosto de 1893.

Zacharias d'Aça.

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Typ. de A. E. Barata Rua Nova do Loureiro. 25 a 70